

1998, cerca de 19 bilhões de dólares em dividendos, lucros e juros líquidos. Eis aí uma das fontes da dívida externa brasileira, a qual foi agravada com a perda da condição superavitária da balança comercial. A dependência tecnológica é tão grande que cerca de 80% das patentes existentes em países em desenvolvimento estão em poder de residentes nas nações desenvolvidas:

"A grande massa de trabalhadores está à margem do processo sindical, a não ser pela obrigação de pagamento de imposto sindical anualmente".

O financiamento através da entrada de capitais de investimentos estrangeiros só vai agravar a situação no futuro, pois o capital que entra não está sendo investido em setores exportadores. Cerca de 81,8% dos 45,3 bilhões de investimentos diretos no Brasil entre 96 e 98 foram aplicados no setor serviços. Setor de baixo poder exportador.

Outros problemas estruturais já foram bastante comentados em artigos anteriores. Não é demais lembrar as "badaladas" propostas de reformas encaminhadas ao Congresso e que não se tem ainda perspectivas de resolução de modo satisfatório. Trata-se das reformas previdenciária, tributária, administrativa, trabalhista, além da lei das responsabilidades fiscais.

Pode-se colocar, ainda, a frágil e desigual estrutura sindical brasileira, a qual concentra poder em poucas categorias de trabalhadores, a maior parte delas sendo do setor público. A grande massa de trabalhadores está à margem do processo sindical, a não ser pela obrigação de pagamento de imposto sindical anualmente.

Em suma, com tantos problemas de ordem estrutural no Brasil, somente os adeptos de soluções milagrosas e/ou daqueles que acham que o Estado pode tudo, podem esperar que o PIB cresça de forma sustentável. Nem tampouco se pode valorizar a tese da oposição entre estabilidade e crescimento. A estabilidade é necessária para o crescimento sustentável, mas este só é possível com o encaminhamento das soluções para os problemas estruturais. E é aí que se faz necessário um projeto nacional de desenvolvimento abrangente ●

*WILLIAN JORGE BANDEIRA é professor do DECON/UFPI, Doutor em Economia pela Unicamp, Consultor da WJB-Consultoria & Projetos Ltda.

A NOVA ECONOMIA E O CICLO DE NEGÓCIOS

WILLIAN JORGE BANDEIRA*

A economia caminha aceleradamente, no terceiro milênio, para consolidar a globalização dos mercados, com as empresas procurando estabelecer estratégias de atuação a nível global. Processos de fusões, incorporações, aquisições, associações e absorções entre empresas, deverão dominar a cena econômica nos principais países industriais.

Assiste-se, hoje, a uma maciça incorporação de novas tecnologias nos processos de produção e nos produtos, correspondendo a uma intensa disputa por mercados à base de inovações tecnológicas, com transformação de "commodities" em produtos de marca e diminuição do ciclo de vida dos produtos pela introdução de produtos novos ou com acréscimo de valor em produtos antigos. Tudo isso, no contexto de uma forte integração produtiva entre as nações, similar a dos mercados financeiros, gerando a necessidade de mudanças radicais nas políticas econômicas nacionais, principalmente às ligadas às bases fiscal, monetária e cambial, as quais deverão estar articuladas à lógica dos mercados real e financeiro a nível mundial.

No Brasil vão ser intensificadas as discussões de participação em mercados regionais no sentido de definir posições nas áreas de mercados da Alca, da Europa e da Ásia.

Mas a nova economia se define, também, por intensa incorporação nos processos produtivos e nos produtos de componentes derivados da tecnologia da informação. Essa incorporação já é tão intensa que os investimentos em tecnologia da informação nos processos produtivos e operacionais das empresas, em muitos casos, já superaram os investimentos em maquinaria pesada. As empresas modernas mudarão radicalmente de configuração, em que seus ativos mais valiosos serão a capacidade criativa baseada em seus recursos humanos e em ativos intangíveis (chips, softwares, patentes, processos, habilidades, tecnologias, marcas, informações sobre clientes e

fornecedores e experiência). É o processo de desmaterialização em curso (capital desincorporado), em que os recursos intangíveis assumem primazia sobre os recursos tangíveis.

A literatura especializada informa a evolução deste processo com os seguintes indicadores: segundo estimativas para os Estados Unidos na década de 90, a informação tornou-se a fonte de aproximadamente três quartos do valor agregado nas indústrias, os automóveis movidos a gasolina, têm mais microchips do que velas de ignição, mais da metade do custo de exploração e extração de petróleo tem a ver com informação. As empresas voltadas para o conhecimento adquirem maior valor de mercado do que em presas tradicionais que ainda têm o capital físico como principal patrimônio. A IBM possuía um capital físico, livre de depreciação em 1996, de cerca de 16,6 bilhões de dólares, enquanto que o capital físico da Microsoft era de apenas US\$ 930 milhões, no entanto, o valor total capitalizado no mercado da IBM era de US\$ 70,7 bilhões; o da Microsoft era de US\$ 85,5 bilhões, grande parte desse valor, portanto, seria atribuído aos recursos intangíveis e sua imensa capacidade de gerar lucros.

Em 1991, as empresas americanas gastaram em tecnologia da informação cerca de US\$ 112 bilhões, contra gastos com tecnologia de produção de US\$ 107 bilhões. Por isso, Thomas Stewart, autor do livro "Capital Intelectual", considera o ano de 1991 como o Ano Um da era da informação, pois foi o ano em que os gastos em informação superaram os gastos em recursos físicos. Em 1982, os gastos com tecnologia da informação alcançaram a cifra de US\$ 49 bilhões. Portanto, esses gastos apresentam uma curva de crescimento exponencial (taxa de crescimento geométrica ao redor de 10% ao ano, entre 82 e 91). Sendo uma tendência inexorável, dá para projetar para as próximas três

décadas, pelo menos nas economias centrais, uma economia com uma lógica de funcionamento totalmente renovada, constituindo-se, portanto, numa verdadeira revolução.

Mudanças tão radicais na lógica do funcionamento da economia trazem repercussões profundas nas estratégias empresariais, pois os fatores críticos de sucesso na competição mudam intensamente, exigindo das empresas grandes esforços de mudanças e de criatividade, sem falar na necessária otimização de sua eficiência operacional, pensada em termos dinâmicos, pois as tecnologias de processos mudam com grande velocidade.

Outra questão crucial é o fato de que a competição em termos globais será intensificada, o que significa uma convergência na base tecnológica dos países participantes do jogo. Com isso, para os países que não possuem infra-estrutura tecnológica e de poder de criar inovações tecnológicas de forma autônoma, a única chance é o concurso de investimentos estrangeiros e/ou associações estratégicas com empresas detentoras de tecnologias apropriadas. Esses países se tornarão simples receptores de investimentos estrangeiros em setores chaves da economia e fornecedores secundários de peças e componentes, dentro da cadeia produtiva internacional, além de fornecedores de serviços de segunda classe. Gesta-se, portanto, uma nova divisão de trabalho internacional entre àqueles que detêm as novas tecnologias e os simples receptores das mesmas, além dos países excluídos do processo.

Com o predomínio do capital intelectual (intangíveis) no patrimônio das empresas, em que a tecnologia da informação ganha cada vez mais espaço nos processos produtivos e como componentes importantes incorporados ao valor dos produtos, o capital empresarial muda de configuração e passa a determinar de modo diferente o próprio ciclo dos negócios (o chamado ciclo econômico).

No universo do capital físico (bens tangíveis) o ciclo dos negócios é influenciado, em sua configuração e duração (tempo), pela vida útil dos equipamentos e/ou velocidade de depreciação imprimida pelas empresas aos mesmos, além do tamanho dos estoques acumulados. No universo dos intangíveis a renovação é muito mais veloz e os estoques tendem a zero. As novidades tecnológicas renovam-se rapi-

damente e dificilmente assumem configurações estáticas. Organizações virtuais aparecem e desaparecem como num passe de mágica, ao sabor de novas idéias e novos equipamentos processadores de informações. Assim, as novas idéias e a velocidade das informações, determinam (de modo inexorável), nessa nova economia, a configuração do ciclo dos negócios.

"Gesta-se, portanto, uma nova divisão de trabalho internacional entre àqueles que detêm as novas tecnologias..."

Os gastos em P&D, lançamentos de novos produtos, propaganda e marketing, logística, treinamentos e equipamentos de informações ganham importância notável, comandando e dinamizando a demanda agregada. Como esses gastos têm alto grau de incertezas e são de rápida renovação, os ciclos dos negócios passam a apresentar maior fluidez devido a maior velocidade na circulação das informações a nível global, e tempo de duração determinado, em grande parte, pela variação da riqueza nas aplicações financeiras.

Com isso, os mercados financeiros ganham dimensão extraordinária na determinação do ciclo dos negócios. Os governos gastarão grande parte de seu tempo e recursos na manutenção e/ou recuperação da credibilidade, o que significa a implementação de políticas micro e macro-econômicas que garantam indicadores econômicos dentro de parâmetros internacionais de confiabilidade. A rápida circulação de informações financeiras aumenta a intensidade de integração dos mercados e a movimentação da riqueza em forma financeira, influenciando decisivamente não só a aplicação de recursos em papéis financeiros, mas também, pelo efeito riqueza e pela formação de expectativas, as aplicações produtivas e os gastos em consumo.

Neste contexto, o ciclo dos negócios se potencializa em termos de instabilidade, sobretudo para os países fragilizados por problemas de balanço de pagamentos e com fortes dívidas públicas, colocando-se de forma mais intensa as discussões em torno de controles globais do sistema financeiro e dos novos formatos das políticas para o desenvolvimento econômico e de combate a pobreza. ●

PINOCHET :

FRANCISCO HEITOR LEÃO DA ROCHA*

I. O IAIO

Em 16 de outubro de 1998, o ex-presidente do Chile, general Augusto Pinochet Urgate, foi preso no Reino Unido, quando convalescia de cirurgia a que havia sido submetido na coluna, por solicitação da justiça da Espanha, através do juiz Baltazar Garzón, para responder por crimes contra a humanidade e crimes de genocídio, supostamente cometidos no período em que governou este país latino-americano, de 1973 a 1990.

O Gal. Pinochet comandou em 11 de novembro de 1973, um levante militar contra o Governo Constitucional do socialista Salvador Allende, que culminou com a morte do mesmo, no Palácio La Moneda, e na implantação do Estado de Exceção e Estado de Sítio, bem como a suspensão das garantias constitucionais e o fechamento dos poderes Legislativo e Judiciário.

Durante 17 anos o Gal. Pinochet governou o Chile como Chefe de uma Junta Militar liderada pelo Exército, tendo como integrantes a Aeronáutica, Marinha e Carabineiros (Polícia Militar).

A justificativa para a sublevação armada foi a eleição, em 1970, do socialista Salvador Allende, presidente da república, derrotando os candidatos tradicionais da democracia-cristã, e a política implantada, a partir de então, de aproximação com o Bloco Socialista, liderado pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, bem como, a possibilidade de transformação do Chile, em uma Nação Socialista, com mudança de aliança.

Dentro da estrutura de poder vigente nas relações internacionais após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, a América Latina foi transformada em zona exclusiva de segurança da Aliança Ocidental, capitalista, e o Leste da Europa, em zona exclusiva de segurança, da Aliança Oriental, socialista.

Em 1º de janeiro de 1959, com a ascensão de Fidel Castro ao poder, na Ilha de Cuba, houve a violação do conceito de zona de exclusividade de influência ou segurança, das superpotências com ameaça